E se a memória for uma fruta? Poética da terra, tempo espiralar e o bando em forma de *Grão.*

Por Igui Leal

> *"Minha vida tem amor, tem carinho, tem doces lembranças de infância e tem a força e a coragem da terra."* **Cora Coralina**

E se a memória for uma fruta? Com sabor de mexerica geladinha, descascada à noite no sofá, dividida entre risos e silêncios ao lado da minha mãe.

Em *Grão*, espetáculo gestado pelo coletivo do assentamento Bela Vista, no interior de São Paulo, o tempo abandona a linha reta para assumir uma forma espiralar. Logo nos primeiros instantes, o elenco convida o público a um mergulho consciente em uma dramaturgia de lembranças, anunciando que a jornada será uma prosa não linear por memórias, em busca de firmar, adubar e fortalecer a terra. Com raízes calcadas nas vivências registradas no livro *Pratos e Prosas: história, cultura e culinária no Assentamento Bela Vista do Chibarro*, a montagem constrói uma poética cênica que reverencia, com muita delicadeza, a história e a sabedoria dos mais velhos.

É interessante notar a potência metafórica que o próprio título carrega. O termo "grão" remete ao minúsculo, à semente, àquilo que guarda a força de fertilizar. Enquanto a peça reverencia a sabedoria popular dos avós e dos mais velhos, ela também nos lembra que cada ancião é, em si, um grão, repleto de fertilidade e da promessa contínua de florescer. Nessa poética, cada grão contém a sabedoria de uma vida inteira pronta para brotar e nutrir o presente.

A paisagem sonora é um dos grandes trunfos da obra. Extremamente musical, a peça transporta a plateia de imediato para a atmosfera do assentamento, preenchendo o teatro com uma sonoridade envolvente e telúrica. Essa organicidade, que pulsa na presença tátil da terra, das sementes e do próprio grão, ganha uma dimensão cênica ampliada ao estabelecer um diálogo direto

com inserções audiovisuais. O uso do vídeo funciona como um contraponto, criando uma fricção poética entre a materialidade bruta do campo e a projeção imagética. Entre a tecnologia do campo e as tecnologias contemporâneas digitais.

No campo visual, o coletivo demonstra grande sofisticação ao passar longe de qualquer estereótipo limitante do "caipira". O figurino e a escolha dos elementos cênicos operam com uma sensibilidade, vestindo a narrativa de dignidade. É exatamente desse lugar de profunda consciência espacial que emerge um dos momentos mais contundentes e bonitos da encenação: o questionamento provocador sobre o desejo de permanecer ou sair daquela terra. A reflexão sobre a audácia e os desafios de tentar deixar o assentamento tendo o teatro como veículo de travessia adiciona uma camada de urgência e realidade ao lirismo da peça.

A força do espetáculo reside em sua capacidade de transbordar a geografia de Bela Vista e atingir o coração de quem carrega a terra na própria biografia.

Neste ponto, a crítica se faz homenagem

a narrativa cênica ecoa a história do meu próprio avô, boia-fria e pé descalço, que fugiu da roça para se casar com a minha avó e vir construir a vida em Belo Horizonte, onde trabalhou como lanterninha de cinema. Foi ali, na casa dele, de chão de terra e com um quintal que insistia em manter vivos os pés de manga, de mamão, a horta e as galinhas, que fiz minhas primeiras cenas de teatro.

O palco de *Grão* espelha esse pertencimento e nos lembra que há uma inegável herança criativa desses grãos. Essa dimensão de roça, que atravessa as frestas das capitais e o coração de Minas Gerais, encontra na arte um testamento comovente de ancestralidade.

O uso do vídeo na encenação constrói uma ponte direta com o passado-presente, trazendo os relatos dos próprios avós dos artistas. Essas memórias projetadas são marcadas pela fuga de realidades de extrema dureza, a lida exaustiva do cortador de cana e do boia-fria, imagens tão recorrentes no imaginário sobre o trabalhador rural de décadas atrás. No entanto, é fundamental

notar como a dramaturgia se recusa a paralisar essas figuras na estética do sofrimento. Ao reconhecer que esse interior paulista e brasileiro passou por mudanças substanciais nas últimas décadas, impulsionadas por políticas públicas de combate à fome e distribuição de renda, o espetáculo atualiza a imagem do assentamento.

Essa transformação histórica ganha corpo, de maneira muito bonita, na cena da festa. Se em outros tempos uma narrativa sobre o campo talvez se encerrasse na chave da dor, *Grão* avança e reivindica o direito à alegria. Vemos no palco os jovens do assentamento, herdeiros dessa luta histórica por educação, moradia e reforma agrária, celebrando suas existências. A cena irrompe com balões e cores, operando uma ressignificação potente: as cores que ali pulsam não são apenas as da terra batida ou do sangue da lida, mas as cores dos corações, das mentes, das luzes e da vitalidade festiva.

A sonoridade da obra, que já se mostrava rica, ganha contornos de grandeza na própria prosódia do elenco. As vozes das atrizes e atores carregam a marca inegável de suas origens, não como um sotaque performado, mas como uma presença orgânica e afetuosa que ecoa pelo teatro, musicalizando a própria fala.

Toda essa articulação entre tela e palco consolida o trabalho como uma escritura autoetnográfica. Ao colocar a vida de suas próprias famílias em perspectiva, os artistas fazem do corpo e do vídeo um arquivo vivo. Nos vídeos, enxergamos todo o bando dessa gente — a rede de pais, avós, parentes —, que ressurge, num gesto poético ao final da peça, como agradecimento a todos que ajudaram a construir essa jornada. Fica evidente como a coletividade produz a poesia em cena. É uma pesquisa performativa que parte da intimidade e da memória pessoal para mapear o território coletivo, promovendo a reinvenção da própria comunidade.

Essa dimensão comunitária ganhou contornos ainda mais nítidos na fala da direção ao término da apresentação, ao enfatizar que o trabalho foi possível graças à PNAB e à chegada de recursos a territórios descentralizados. A diretora revela ali também o esforço autônomo do grupo, que chegou a vender adesivos para custear a própria vinda ao festival. Longe de ser um detalhe operacional

burocrático, essa engrenagem de gestão, de articulação de recursos de sustentabilidade e de produção autônoma é parte viva da própria obra. Como nos ensina a investigação das inteligências coletivas e das estratégias de permanência de coletivos cênicos, a micropolítica da subsistência e a circulação de recursos públicos compõem a materialidade poética de fazer teatro no Brasil: viver em bando é também inventar formas coletivas de gerir a existência e garantir que a arte exista e atravesse fronteiras.

Por fim, esse trabalho, notável por sua sensibilidade e organização cênica, conta com a firmeza de uma direção assinada por Viccy Ferrari. Essa presença na condução do espetáculo adiciona uma camada político-estética fundamental à obra, implodindo a falsa crença, ainda tão recorrente em setores progressistas, de que as identidades de gênero estariam descoladas das pautas de classe, de trabalho e da terra. O que *Grão* demonstra é que o diálogo com a diversidade radical de corpos e identidades é o que aponta soluções, estratégias e invenções para o Brasil que está por vir. Afinal, a própria luta histórica recente do país nos prova que a conquista por direitos fundamentais e pela dignidade do trabalho, como a mobilização em torno do fim da escala 6x1 foi erguida e liderada por mãos plurais, de uma Travesti e uma Bixa. O assentamento é ficcionalizado assim, aberto para o mundo e para as transformações: um território em viagem, poroso e fértil para o que vier de bom.

Ao revisitar os frutos que atravessam a narrativa da peça e as evocações do interior, ecoa inevitavelmente a pergunta: e se a memória for uma fruta? Fica no ar o convite a reconhecer como as nossas lembranças de infância e os caminhos de onde viemos são atravessados por esses sabores, polpas e sementes que continuam nutrindo quem somos. E você: que sabores de frutas guardam as suas memórias?

Referências:

- **ASSENTAMENTO BELA VISTA DO CHIBARRO.** *Pratos e Prosas: história, culture e culinária no Assentamento Bela Vista do Chibarro*. Araraquara, [s.d.].